

Realidade Insensível



Eduardo tinha uma doença desconhecida. Aos vinte e cinco anos começou a perder os sentidos. Olfato e paladar foram os primeiros, em seguida o tato. Quando perdeu a audição soube que logo se desligaria do mundo. Como dinheiro não era problema para sua família, pediu para ser mantido vivo mesmo após a perda de seu último sentido. Assim foi feito quando sua visão lhe deixou.

Na solidão criou histórias, como aquelas que acontecem na vida real, sua vida seguiu em frente como se nada tivesse acontecido.

Fez novos amigos e começou a trabalhar numa multinacional. Sofrera muito quando seus pais morreram em um acidente aéreo, mas um ano após esta tragédia veio a se casar com Lucia, sua grande paixão. Foram cinco ótimos anos de casamento até a chegada de sua primeira filha. Com os anos, mais dois filhos vieram, e ele já era diretor. Chegou a ter um infarto, mas se recuperou rapidamente para alegria de seus amigos e família.

Foram-se vinte e cinco anos.

Eduardo acordou e sentiu um calor tocar sua pele. Quando abriu os olhos ficou ofuscado com as luzes daquele pôr-do-sol que somente sua terra natal apresentava. A enfermeira, ao vê-lo abrir os olhos, sorriu com sincera felicidade, dizendo que iria telefonar para seu pai e irmã. Ele olhou durante vários minutos para a janela ao lado de sua cama. Morreu sem nenhuma dor, com cinquenta anos bem vividos.